

DA MORFOLOGIA AO DISCURSO: O CASO DO SUFIXO –ISMO PARA DENOMINAR PRÁTICAS HOMOSSEXUAIS

FROM MORPHOLOGY TO SPEECH: THE CASE OF SUFFIX - ISM TO STATE HOMOSEXUAL PRACTICES

Jonathan Ribeiro Farias de Moura¹

Resumo: Este trabalho faz uma análise discursiva da palavra homossexualismo pensando os efeitos de sentido que estão em jogo com o sufixo –ismo na palavra. Possui como objetivo principal analisar as disputas de sentido com a palavra homossexual adjungido ao sufixo –ismo e o efeito de patologia que esse mecanismo apresenta. A análise está embasada teoricamente nos pressupostos da escola francesa de análise de discurso (Pêcheux, [1975] 2009; Orlandi, 1983, 1988, 1996, 2014, 2017) e nas relações de poder propostas no trabalho de Michel Foucault ([1970] 2011).

Palavras-chave: Homossexualismo. Patologização. Análise de discurso.

Abstract: This work makes a discursive analysis of the word homosexuality thinking the effects of meaning that are at stake with the suffix –ism in the word. It has as main objective to analyze the disputes of meaning with the word homosexual adjunct to the suffix –ism and the effect of pathology mechanism. The analysis is based theoretically on the assumptions of the French school of discourse analysis (Pêcheux, [1975] 2009, Orlandi, 1983, 1988, 1996, 2014, 2017) and the power relations proposed in the work of Michel Foucault [1970] 2011).

Keywords: Homosexuality. Pathologization. Discourse analysis.

Introdução

Este trabalho tem como proposta fazer uma análise discursiva da palavra “homossexualismo” pensando os efeitos de sentido que essa palavra provoca ao ser utilizada em detrimento de outras. Não perdendo de vista as relações de sentido que a palavra tem e o discurso construído sobre a prática homossexual. Sabe-se que a prática homossexual já foi considerada doença por um período da história da humanidade (FOUCAULT, [1984] 1988, [1976] 1993; ERIBON, [1999] 2008; SOARES 2006). No entanto, a prática de duas pessoas do mesmo sexo manterem relação sexual é datada desde a Grécia Antiga entre membros da sociedade grega (FOUCAULT, [1984] 1988; GUIMARÃES, 2009; SANTOS 2008).

Ao longo do tempo, diversas palavras surgiram para retratar a homossexualidade – principalmente a masculina –, tais como: entendido, invertido, (trans)viado, gay,

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, professor-pesquisador de Língua Portuguesa na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz. E-mail: jrfm_88@hotmail.com

homossexual, homoerótico, homoafetivo, pederasta, baitola, bicha, entre outros. Percebemos que há uma mescla de palavras cujos sentidos são disputados pelo campo sexual, emocional, jurídico. O espectro de sentidos das palavras supracitadas vai desde a autodenominação, como o sujeito-homossexual se denomina, até a injúria, quando o outro tenta ofender um homossexual com palavras lidas socialmente como ofensivas.

Nos dias atuais, a palavra homossexual não é vista com problema pelos homossexuais, sejam eles homens ou mulheres. A palavra recobre a prática para os dois sexos. No entanto, ao relatar/discutir sobre a prática homossexual, o sufixo utilizado é uma questão. Os homossexuais, atualmente, advogam que utilizar homossexualismo é reiterar o discurso médico que perdurou durante anos em que construiu uma visão de que homossexuais eram doentes. Já pessoas que não se atem à questão da memória, ou querem desqualificar a prática homossexual, usam sem problemas a palavra homossexualismo. O uso da palavra é de modo inconsciente? É de modo intencional? Qual memória está em jogo? Quais sentidos estão em disputa? É algo reduzido ao politicamente correto? Algo que está ligado ao grupo que defende a Ideologia de gênero? Tentarei responder essas perguntas ao longo deste trabalho.

Algumas palavras sobre a questão homossexual

Discorrer sobre a homossexualidade é difícil porque são inúmeros elementos os quais são postos para sustentar a ideia defendida neste trabalho. Optei por fazer um recorte para delimitar bem o sentido que quero analisar da prática homossexual. O recorte vai do século XVII até o século XXI pensando na prática homossexual e o que dizem sobre ela.

Foucault ([1976] 1993), ao analisar a história da sexualidade, postula que até o início do século XVII as práticas e códigos voltados aos assuntos sexuais eram livres. A partir daí e durante a época vitoriana, na Inglaterra, o discurso sobre o sexo foi cerceado por privações de uma sociedade burguesa. Foucault continua apontando que as práticas sexuais eram para a procriação e para deixar herdeiros que cuidassem das terras. Era o Estado atuando sobre a manutenção das práticas sexuais dos cidadãos da época. A prática homossexual era execrada pelo Estado como coloca o filósofo ([1976] 1993, p. 8)

Se for mesmo preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar noutro lugar: que incomodem lá onde possam ser reinscritas, se não nos circuitos da produção, pelo menos nos do lucro. (FOUCAULT, [1976] 1993, p. 8).

Do século XVIII ao século XIX, a palavra para denominar os sujeitos-homossexuais era “invertido”, já partindo de uma ideia de uma inversão sexual (Santos, 2008). Somente em 1869, segundo Fry & MacRae (1985) surgiu a palavra homossexualidade, na Alemanha, através de um médico austro-húngaro, Karol Maria Kertbeny. A ideia da homossexualidade como doença surgiu nessa época, porém foi consolidando-se ao longo do tempo.

Já no século XX, a Organização Mundial da Saúde (OMS) incluiu o homossexualismo na classificação de doenças internacionais (CID) como uma doença mental. Sendo retirada em 1990. Antes, em 1973, a Associação Americana de Psiquiatria tirou o homossexualismo de doenças mentais e fez o gesto de mudar o sufixo, colocando homossexualidade² (SOARES, 2006). Esse gesto e os efeitos de sentido desta disputa (por sufixo?) que ocorreram daí é que vou analisar neste trabalho.

Tal gesto da Associação Americana de Psiquiatria vai ao encontro do movimento político da comunidade homossexual. Depois do confronto da polícia com homossexuais, transexuais e transgêneros no bar Stonewall Inn, no bairro de Greenwich Village, em Nova Iorque na data de 28 de junho de 1969, a comunidade conseguiu criar um movimento político fazendo passeatas reivindicando seus direitos. À época, a prática homossexual se encontrava em guetos, em lugares específicos (ZANELLA, 2017).

A palavra homossexual, como supracitado, é uma palavra que nasce de um discurso médico, por isso há inúmeras indagações de qual melhor termo utilizar para retratar os sujeitos e suas práticas. Atualmente, a palavra homossexual é utilizada, ainda que as subespecificações – gay, lésbica, bissexuais, travesti, transgêneros, transexuais³ – sejam denominações para segmentar as pautas específicas para os sujeitos que fazem parte dessa comunidade que agrega tanto à questão da orientação sexual, como à questão da identidade de gênero.

Segundo a filósofa Judith Butler ([1990] 2015), a sociedade possui um matriz heterossexual, ou seja, os sujeitos seguem um padrão imposto pela sociedade. A heterossexualidade, segundo a autora, é o (im)posto. Quando vemos uma criança, projetamos o futuro dela como um sujeito heterossexual. A homossexualidade surge como algo desviante, algo fora do padrão. Por isso é comum o uso do termo

² A ideia colocada em inglês segue a mesma lógica em português. Homosexuality. Homossexualismo – Homossexualidade.

³ Importante pontuar que travesti, transgênero e transexualidade não são orientações sexuais, mas sim identidades de gênero. Embora o senso comum trate tudo como homossexual, é importante apontar que são pautas específicas, ainda que o preconceito, baseado numa sociedade heteronormativa, seja o mesmo.

heteronormativo, estabelecendo, assim, que o padrão a ser seguido é o padrão heterossexual. A relação entre o heterossexual e o homossexual se coloca como o padrão e o não padrão, o certo e o errado e por aí vai. E da onde vem esse discurso? De uma maneira arqueológica, Foucault ([1976] 1993; [1984] 1988), em seu estudo sobre a história da sexualidade, marca o período em que a homossexualidade começou ser lida como uma prática desviante, e o modo como o Estado começa a repreender as questões da ordem sexual – principalmente através do jurídico e do religioso. Dessa época até o século XIX, quando a homossexualidade começa ser vista como prática relacionada à doença, houve todo um processo de exclusão a qual teve como consolidação maior a patologização da sexualidade. A seção seguinte discuto sobre o viés normativo entre os sufixos –ismo e –idade.

Gramática normativa: sentidos congelados?

A gramática normativa prescreve aquilo que pode ser escrito/falado em uma língua. Dessa forma, um gramático que é reconhecido e possui prestígio no Brasil é o gramático Celso Cunha. A “nova gramática do português contemporâneo” de Celso Cunha e Lindley Cintra aborda como as palavras são formuladas em português.

Na seção de derivação e composição, os autores prescrevem o uso de sufixos e os sentidos que esses expressam. O sufixo –idade que de uma palavra sendo adjetivo forma uma nova palavra sendo substantivo, por exemplo, pode expressar: *estado*, *situação*, *quantidade* ou *modo de ser*. Daí temos volatilidade, igualdade, crueldade, dignidade. Já para o sufixo –ismo, que pode formar substantivos e adjetivos, temos os sentidos de: *doutrinas ou sistemas*, *modo de proceder ou pensar*, *forma peculiar da língua* ou *terminologia científica*. Daí temos capitalismo, assistencialismo, galicismo e reumatismo respectivamente.

Ainda que não se trabalhe a questão da diversidade linguística, a gramática normativa opera com os sentidos múltiplos baseado em autores cânones. Daí o sentido de língua fluida e língua imaginária proposto por Orlandi e Souza (1988). Nesse conceito, as pesquisadoras apontam que a língua fluida é aquela que é impalpável, que não está nas gramáticas, a língua do cotidiano. Já a língua imaginária é a língua trabalhada nas gramáticas e nos dicionários com sentidos “estabelecidos” e, baseando-se em autores consagrados, para normatizar o que pode e o que não pode na língua.

Os processos de formação de palavras são bem produtivos. Quando focamos na questão da sufixação percebemos que é um fenômeno muito produtivo e que aumenta o

número de palavras de uma língua (GONÇALVES, 2016). A linguística, ao se debruçar sobre o seu objeto: a língua, opera com a forma e com o conteúdo. Assim, pode-se afirmar que os sentidos não são colados às suas formas, as formas são pistas para darmos efeitos de sentidos a materialidade da língua. Como essa relação entre língua/ pensamento / mundo não se dá de modo direto, da mesma maneira como a relação entre língua e processos identitários também não o é (ORLANDI, 1998b).

Língua e poder: as disputas dos sentidos

Um dos autores principais da escola francesa de análise de discurso, Michel Pêcheux, coloca que o discurso não é neutro por mais racional que ele seja. Pensar na palavra homossexualismo e colocá-la em análise, é pensá-la enquanto texto que possibilita diversas interpretações pelos sujeitos. Uma vez que há diversas interpretações para tal palavra, há de se pensar, também, em como os sentidos estão em disputa na sociedade atual. Para isso, teremos que pensar as condições de produção em que os discursos são elaborados e a forma-sujeito desses discursos, além de pensarmos sobre a questão do interdiscurso e da formação discursiva. Por que há sujeitos que usam homossexualismo? Por que não se importam? Ou por que querem colocar os homossexuais no lugar de doentes?

Pêcheux coloca que todo discurso é ideológico e que a língua materializa o discurso, dessa maneira o autor aponta:

(...) indiferença” da língua em relação à luta de classes caracteriza a autonomia relativa do sistema linguístico e que, dissimetricamente, o fato de que as classes não sejam “indiferentes” à língua se traduz pelo fato de que todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes. (...) Por enquanto, retenhamos que a “língua não é uma superestrutura” e que ela não se divide segundo as estruturas das classes em “línguas de classes”, com suas próprias “gramáticas de classes. (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 82)

Em um outro texto, dessa vez assinando com Fraçoise Gadet, Pêcheux e a linguista afirmam que o real da língua é o impossível. Assim, os autores mostram que as línguas têm as suas lacunas, que não há uma objetividade na qual compreendamos de forma plena o discurso do outro (GADET, PÊCHEUX [1981] 2004). Como aponta Pêcheux “a evidência que eu sou realmente eu (com meu nome, minha família, meus amigos, minhas lembranças, minhas ‘ideias’, minhas intenções e meus compromissos)” (Pêcheux; [1975] 2009, p. 145). É aí que se constitui um sujeito de direito com seus direitos e seus deveres, através da interpelação da ideologia, dentro de uma ótica capitalista na sociedade

ocidental. O sujeito ideológico reduplica o primeiro, interpelado, “constituído sob a evidência da constatação que veicula e mascara a ‘norma’ identificadora (...)” (Pêcheux, [1975] 2009).

Dessa maneira, entende-se que o sujeito não é produtor de sentido, mas sim, é constituído por várias FDs as quais estão dentro de várias Formações Ideológicas numa ilusão de que possui o controle daquilo que diz. Daí que o sujeito é sempre um já sujeito, mas não o é de forma bruta, natural; porque seu *status* como sujeito depende do seu assujeitamento aos aparelhos ideológicos de Estado. A interpelação dá-se através da ideologia, ou seja, o indivíduo é interpelado em sujeito através dos aparelhos ideológicos de Estado (Pêcheux, [1975] 2009).

É aí interessante perceber a ideia posta em homossexualismo e homossexualidade, uma vez que há uma memória da língua que atravessa o sentido do primeiro. E isso vem se perpetuando desde a época vitoriana, em que homossexuais eram excluídos pelo estado, como aponta Foucault ([1976] 1993; [1984] 1988). É através da memória do dizer, que podemos interpretar e ser interpretados. As palavras significam pela história e pela língua. Courtine (2016) elabora isso em dois eixos: o primeiro é o interdiscurso que recupera os dizeres já-ditos (esquecidos) em diversos enunciados, que estão no nível do dizível. E o segundo é o intradiscurso que é o momento de elaboração, o que estamos dizendo naquele momento, em determinadas condições. Esses dois eixos possibilitam os sentidos, o interdiscurso funciona regulando as fronteiras de uma Formação Discursiva. Courtine e Marandin colocam:

(...) diremos que o interdiscurso consiste em um processo de *reconfiguração incessante* no qual uma FD é levada, em função das posições ideológicas que essa FD represente em uma conjuntura determinada, a incorporar elementos pré-construídos produzidos no seu exterior, para nela produzir a redefinição ou o retorno, para igualmente evocar seus próprios elementos, para organizar sua repetição, mas também para provocar nela o apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação. (COURTINE & MARANDIN; [1980] 2016, p. 39-40)

Pensar o sujeito-homossexual na atualidade, pensar as reivindicações de direitos que eles pedem faz com que eles se lembrem do tempo em que homossexuais eram tratados em clínicas psiquiátricas. Faz com que eles pensem que em boa parte dos países ocidentais (e orientais também) o casamento homossexual⁴ (ou homoafetivo) não é

⁴ Muitos grupos conservadores apontam que a palavra casamento está apenas no âmbito religioso. No entanto, casamento é visto aqui como um ato jurídico. No Brasil, o casamento homossexual é aceito desde 2013 por uma decisão do Conselho Nacional de Justiça.

legitimado e não possui os mesmos direitos que o casamento heterossexual. É nesse discurso jurídico que há uma diferença de poder e tratamento entre heterossexuais e homossexuais. O mesmo deve se pensar sobre as leis anti-miscigenação que colocava que pessoas brancas não poderiam casar com pessoas de outras raças/etnias algo que foi muito comum no E.U.A e na Alemanha no período do nazismo.

Voltando a discussão da palavra homossexualismo, parece que o sentido trabalhado é o de doença e os sujeitos que reproduzem colocam em voga esse sentido. Não é um sentido no sufixo -ismo apenas. Há uma historicidade que atravessa essa palavra e faz exalar sentidos para uma comunidade que já ainda é cerceada de direitos. Ao pensarmos em caráter reversível, sujeitos que usam a palavra homossexualismo, provavelmente, não possuem o costume de usar a palavra heterossexualismo. Esse é mais um indício do discurso médico operando na denominação da prática homossexual. A historicidade dos sujeitos, dos sentidos é de extrema importância. Para atribuir sentido, devemos estar num momento, em determinadas condições de produção, o sentido não está nas palavras e nem nos sujeitos, mas numa fruição que atravessa os sujeitos e as palavras em um determinado momento em sociedade.

A comunidade homossexual, ao reclamar do uso de homossexualismo, tem na memória aquilo que, no passado e nos dias atuais, colocou/coloca os sujeitos homossexual à margem da sociedade do ponto de vista jurídico ao não atribuir os mesmos direitos que pessoas heterossexuais possuem. A ideia da homossexualidade ser doença é algo vigente⁵ nos dias de hoje. Pessoas mal informadas, ou homofóbicas usam desse recurso para colocar os homossexuais no lugar de doentes, anormais⁶.

Como mais um elemento para argumentar que a questão não é algo que se reduza apenas ao sufixo, podemos citar a palavra lesbianismo que tanto é usada entre homossexuais, quanto entre heterossexuais. Lesbianismo é a prática de ser lésbica. E por que há problema em usar homossexualismo e não há problema em usar lesbianismo?

Como nos diz Orlandi (1988, p. 102) ao atribuir sentido “(...) estamos participando de um processo (sócio-histórico) de produção de sentidos e o fazemos de um lugar social e com uma direção histórica determinada.”. Dessa maneira, há uma memória discursiva

⁵ Não à toa alguns políticos quiseram protocolar, em 2011, um projeto de decreto legislativo que possibilitava que psicólogos/psiquiatras fornecessem ajuda para quem quisesse se “curar” da homossexualidade. Ideia que vai de encontro ao estabelecido no Conselho federal de Psicologia.

⁶ Ainda que não seja o foco deste trabalho, durante muitos anos orientação sexual (gay, lésbica e bissexual) e identidade de gênero (transgêneros, transexuais, travesti) eram lidos como a mesma coisa. O debate tem sido tão intenso que este ano, 2018, a OMS retirou a transexualidade da lista de doenças mentais.

(interdiscurso) que faz operar o sentido do homossexualismo como doença com o sufixo –ismo. Já para lesbianismo, como esse sentido não foi trabalhado, não há a ideia de doença. É aí também que mostra que mesmo se fosse usado (o que não há registro das pessoas, o mais usual é heterossexualidade) heterossexualismo⁷ não traria a ideia da prática heterossexual ser uma doença. Os sentidos atravessam as palavras e os sujeitos e a ideologia se materializa nas palavras.

Em seu livro *A ordem do discurso* Michel Foucault coloca que a sociedade não pode falar sobre tudo, há interdições e uma das principais é a sexualidade. Como o autor coloca: “(...) as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder.” (FOUCAULT, [1970] 2011, p. 10). Partindo desse pressuposto, podemos ver um desnível de poder (ou seria de direitos?) entre sujeitos homossexuais e heterossexuais. Não há porque reclamar pela heterossexualidade, porque esse é o padrão, o (im)posto. Já a homossexualidade é o diferente, o desviante, daí a ideia de brigar pelos sentidos. E uma das maneiras de disputar é pela materialidade da língua. Mas será que, ao reivindicar o uso de homossexualidade, o gesto pode ser reduzido à questão do politicamente correto?

Politicamente Correto: um movimento de resistência?

O movimento do politicamente correto tem se adjungido aos grupos ditos minoritários. A ideia é que as pessoas não usem certas palavras, não formulem discursos que possam ofender, ou estigmatizar grupos que já são tão cerceados de seus direitos e marginalizados pela sociedade. Entre os que fazem parte do grupo estão os homossexuais. Palavras como viado, bicha, sapatão, boiola, caminhoneira, traveco não podem ser usados ao se denominar homossexuais (no caso, gays e lésbicas).

No entanto, uma pergunta se faz presente, ao não usar essas palavras o preconceito desaparece? Some? Para onde o preconceito vai? Segundo Orlandi (2017):

Há em nossa formação social, (...) um juridismo que se desenvolve junto a discursividade do preconceito e que, nas condições em que funciona o capitalismo, considero que são dadas estas características, mesmo que passível de ação judicial, a mudança em relação ao preconceito não passa por aí. Chega aí. O que é preciso é abrir novos espaços de experiência e de significação para que haja deslocamentos, percursos de sentidos não experimentados. O Estado, ao individuar pelo preconceito, o integra e não o trabalha, ou desloca. Deste

⁷ Na mídias sociais, principalmente, páginas pró LGBT, existe o uso da palavra “heterossexualimos” no sentido irônico, como se fosse um deboche. Colocando o heterossexual no lugar do homossexual.

modo, o discurso judicial, reduzido ao seu aspecto administrativo, também apaga, silencia o fato de que há uma constituição histórica mais ampla de preconceito. Não é só um aspecto instrumental ou técnico que pode contê-lo. (ORLANDI, 2017, p. 96-97)

A autora propõe que os preconceitos precisam de medidas mais efetivas do que o juridismo e, por que não do cerceamento de palavras? Ao não dizer x, mas ao dizer y isso não quer dizer que a pessoa não seja preconceituosa. Focando no nosso objeto de análise, uma pessoa preconceituosa/homofóbica pode usar a palavra homossexualidade, da maneira como a comunidade homossexual pede, no entanto o preconceito pode vazar de uma outra maneira, com a entoação em que usa a palavra, com os gestos faciais ou corporais. O preconceito continuará ali, mesmo tendo a eficácia (?) do politicamente correto. Inclusive até sujeitos-homossexuais podem usar a palavra homossexualismo, ainda que não tenha a carga de sentido de doença em seu discurso, ao usar os sentidos podem se espalhar de diversas formas e uma delas é o discurso de doença.

Orlandi opera com duas formas de silenciamento: o silenciamento constitutivo, aquele que não dizemos x, mas dizemos y (Não dizemos homossexualismo, mas dizemos homossexualidade). E o silenciamento local (censura) em que não dizemos (Não podemos dizer homossexualismo, segundo o politicamente correto).

Todavia, as pessoas falam. Essa censura, ou a patrulha do politicamente correto, no caso da palavra homossexualismo, se faz presente porque junto ao uso da palavra está por trás um discurso homofóbico. Não à toa, líderes religiosos que não concordam com a prática homossexual denominam como homossexualismo.

Posto isso, entre a reivindicação da comunidade homossexual e as pessoas que denominam a prática homossexual como homossexualismo há a disputa de poder. De um lado a ideia de deixar datada o que ficou marcado na história da homossexualidade, o discurso médico que patologizou a prática homossexual durante um período da história da humanidade. Do outro que de maneira aleatória faz uso indiscriminado da palavra homossexualismo. Coloca-se em jogo na arena discursiva o sentido a ser trabalhado: o da prática homossexual, ou o da doença da prática homossexual? É aí que se dá a disputa de sentidos.

É legítimo da parte da comunidade homossexual lutar para que esse estigma da orientação sexual enquanto doença seja deixado como algo datado. E uma medida é reivindicar o uso da palavra homossexualidade. Por outro lado, há pessoas que fazem questão de utilizar a palavra homossexualismo, ou pessoas que não se atentam a esse elemento semântico/ideológico, mas continuam utilizando. Sujeitos que se sentem

cerceados pelo caráter de censura porque quem advoga pelo uso de homossexualidade aponta que quem usa homossexualismo está sendo preconceituoso. Inclusive até sujeitos-homossexuais podem usar a palavra homossexualismo, ainda que não tenha a carga de sentido de doença em seu discurso, ao usá-la os sentidos que emanam dela podem se espalhar de diversas formas e uma delas é o discurso de doença.

Considerações Finais

Este trabalho analisou as disputas de sentido sobre a denominação da prática homossexual, no caso a palavra homossexualismo. Podemos perceber no que toca a gramática normativa e suas prescrições, os sufixos –ismo e –idade aparentam o mesmo sentido. A troca de um pelo outro, segundo os moldes da gramática normativa, não é uma questão. O sentido empregado como doença está associado à *terminologia científica* na gramática de Cunha e Cintra. Por isso temos sonambulismo, reumatismo, tabagismo, alcoolismo. Mas entre quem tenta defender o uso de homossexualismo, há uma discussão que o sufixo pode também significar corrente ideológica, algo também previsto na gramática de Cunha e Cintra. Por outro lado, o sufixo –idade, ao se aplicar, pode ter entre vários sentidos como o de qualidade e o de modo de ser. Do ponto de vista da gramática, essa língua imaginária (ORLANDI; SOUZA, 1988) analisando de maneira opaca e a-histórica, tanto o sufixo –ismo, quanto o –idade serviriam para denominar a prática homossexual.

Entretanto, uma estratégia adotada pela comunidade homossexual é tentar silenciar aquilo que o sufixo –ismo representou (representa?) desde outrora: que o desejo por parceiros do mesmo sexo é algo doentio. Em nível de sociedade, principalmente a capitalista, que coloca que todo indivíduo é igual perante a lei, essa clivagem de direitos por conta dos seus desejos parece algo paradoxal. Porém o sistema não consegue dar conta dessas diferenças que são intrínsecas aos seres humanos e daí surgem os movimentos de resistências e as lutas por direitos.

Concordo com Orlandi (2017) quando a autora coloca que não é só “um aspecto instrumental e ou técnico” (ORLANDI, 2017, p. 97) que pode conter o preconceito. Dessa maneira, o uso de homossexualidade é apenas um mecanismo de atenuar a homofobia. Ainda segundo autora, a forma de transformação “é a produção de um espaço social de convivência, politicamente significado e que afete a ideologia da divisão e do fechamento, da segregação e do ‘outro’”. (ORLANDI, 2017, p. 98). Ao criar esse espaço, promove-se o espaço comum em que as diferenças (homossexuais e outras minorias) possam gozar

da sua identidade. Promovendo trajetos diferenciados, práticas não previstas e re-significando as relações (ORLANDI, 2017). Dessa maneira, deixamos de lado a máxima de “Todos somos iguais” numa sociedade que visa o lucro e que ao estabelecer quem manda e quem obedece, tornar-se difícil implementar a igualdade. Assim, pode-se destacar as diferenças, porque ser diferente é ser diferente e deve significar pela diferença, não pela igualdade.

Portanto, as disputas de sentido em relação a prática homossexual ora com o sufixo –ismo, ora com o sufixo –idade escapam da intencionalidade dos sujeitos. Precisa-se destacar que o preconceito não mora em um sufixo apenas, ele está numa estrutura maior. Mas é compreensível o movimento da comunidade homossexual em reivindicar a materialidade da língua que, de certa forma, tentar esconder o discurso patologizante de décadas passadas. Em nível simbólico, talvez esse seja o caminho rápido, mas não se pode se enganar que com isso o preconceito acabe. É preciso mais e ir além como propõe Orlandi (2017).

Em relações de poder, o caminho é esse: a disputa pelo sentido. A história da humanidade não será apagada. Pelo menos por enquanto, e ainda com ajuda de pessoas homofóbicas, a ideia da homossexualidade enquanto doença será um rastro, uma fantasma que assombra esse grupo. Um fantasma que impede direitos e que tenta silenciar/interditar a sexualidade, como diz Foucault ([1970] 2011). A memória para que a homossexualidade enquanto doença esteja cada vez datada e no passado depende do presente, e esses sentidos da sexualidade enquanto prática precisam se imperar, para que no futuro, tantos outros sujeitos não sofram por serem aquilo que são.

Referências

- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, RJ. 9ª edição, [1990] 2015.
- BARONAS, Roberto; POSSENTI, Sírio. A Linguagem Politicamente Correta no Brasil: Uma Língua De Madeira? In: *POLIFONIA*, Cuiabá, Ed: UFMT, V. 12 N. 2, p. 47-72, 2006.
- CINTRA, Lindley; CUNHA, Celso. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro, RJ. Ed. Lexikon. 4ª Ed, 2007.
- COURTINE, Jean-Jacques. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso. In: *Policromias – Revista de estudos do discurso, imagem e som*. Ano 1. Volume 1, 2016.

COURTINE, Jean-Jacques; MARANDIN, Jean Marie. Que objeto para a análise de discurso? IN: CONEIN, Bernard; COURTINE, Jean-Jacques; GADET, Fraçoise; MARANDIN, Jean-Marie PÊCHEUX, Michel. (orgs) *Materialidades Discursivas*. Campinas, SP. Ed: Unicamp. Ano [1980] 2016.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro, RJ. Ed. Companhia de Freud, [1999] 2008.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade - O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro, RJ. Ed:Graal. 5ª edição, [1984] 1988.

_____. *História da Sexualidade - A vontade de saber*. Rio de Janeiro, RJ. Ed:Graal. 11ª edição, [1976] 1993.

_____. *A Ordem do Discurso*. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Ed: Loyola. 21ª ed, São Paulo, SP, [1970] 2011.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade?* São Paulo: Abril Cultura, Brasiliense, 1985.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. O real da língua é o impossível. IN: *A língua inatingível: o discurso na história da Linguística*. Campinas, SP. Ed: Pontes. Ano [1981] 2004.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo, SP. Ed: Contexto, 2016.

GUIMARÃES, Anderson Fontes Passos. O desafio histórico de “tornar-se um homem homossexual”: um exercício de construção de identidades. *PePsic* http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000200023 vol. 17.número.2, Ribeirão Preto, SP, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento – as formas do discurso*. São Paulo, SP. Ed. Brasiliense. 1ª edição, 1983.

_____. *Discurso e Leitura*. Campinas, SP. Ed. Unicamp. 1ª edição, 1988.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Ed Vozes. Petrópolis, RJ, 1996.

_____. Ética e Política Linguística. IN: *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, 1. Campinas, Pontes, 1998.

_____. Ser diferente é ser diferente: a quem interessam as minorias? In: Eni de Lourdes Pulcinelli Orlandi. (Org.). *Linguagem, Sociedade, Políticas*. 1ed.Campinas: RG v. 1, p. 29-38, 2014.

_____. *Eu, tu, ele – Discurso e real da história*. Campinas, SP. Ed: Pontes. 2ª edição, 2017.

ORLANDI, Eni Pulcinelli.; SOUZA Tania Conceição Clemente. *A Língua Imaginária e a Língua Fluida: Dois métodos de trabalho com a linguagem*. IN: Política Linguística na América Latina. Campinas, SP, 1988.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP. Ed: Unicamp. 4ª edição, [1975] 2009.

_____. *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Campinas, SP. Ed: Pontes. 6ª edição. Ano [1983] 2012.

SANTOS, Izaac Azevedo. *Narrativas de um adolescente homoerótico: conflitos do 'eu' na rede de relações sociais da infância à adolescência*. Dissertação de mestrado defendida pelo programa de pós-graduação em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008.

SOARES, Alexandre da Silva Ferrari. *A Homossexualidade e a Aids no imaginário de revistas semanais*. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal Fluminense, 2006.

ZANELLA, Alexandre da Silva. *Espaços Atravessados: sujeitos homossexuais no discurso jornalístico sobre a cidade*. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense, 2017.

Artigo recebido em: 06/09/18

Artigo recebido em: 14/10/18